

OLIVEIRA, J. A. Amazônias: sociedades diversas espacialidades múltiplas. Hiléia: Revista de Direito Ambiental da Amazônia. ano. 2, n.º 2. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado da Cultura / Universidade do Estado do Amazonas, 2004. <  
<https://pos.uea.edu.br/data/direitoambiental/hileia/2004/2.pdf>> .



INTERCOM



**INTERCOM**

**2001**

**COMUNICAÇÃO E MULTICULTURALISMO**



Cicilia Maria Krohling Peruzzo  
José Benedito Pinho  
(Organizadores)

COMUNICAÇÃO  
E  
MULTICULTURALISMO

INTERCOM



UNIVERSIDADE DO AMAZONAS



© INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO

Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma  
idêntica, resumida ou modificada, em língua portuguesa ou qualquer outro idioma.

**Revisão:**

José Benedito Pinho

**Arte da Capa:**

Marcos Bahia Cardoso

**Coordenação Editorial:**

Algenir Ferraz Suano da Silva  
Editora da Universidade do Amazonas  
Av. Gal. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000 – Alcixo  
Bloco L - Mincampus / Telefax (0XX) 92 644 22 42  
[www.edua.fua.br](http://www.edua.fua.br) / e-mail: [edua@fua.br](mailto:edua@fua.br)  
Manaus – Am - CEP 69.077-000

Comunicação e Multiculturalismo. (Organização: Cíclia Maria Krohling Peruzzo e  
José Benedito Pinho). São Paulo: INTERCOM, Manaus: Universidade do  
Amazonas, 2001.  
410 p.

Coleção INTERCOM de Comunicação, v. 13

Coletânea de trabalhos apresentados no XXIII Ciclo de Estudos  
Interdisciplinares da Comunicação, evento componente do XXIII Congres-  
so Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na Universidade do  
Amazonas, Manaus-AM, de 3 a 7 de setembro de 2000.  
Vários autores.

1. Comunicação e multiculturalismo. 2. Ciências da Comunicação. 3. Ciên-  
cias da Informação. 4. Comunicação e cultura. I. Intercom. II. Universidade do Ama-  
zonas. III. XXIII Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. IV. XXXIII  
Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Manaus-AM, 2000). V. Peruzzo,  
Cíclia Maria Krohling. VI. Pinho, José Benedito.

INTERCOM - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO

Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 – Bloco B9 – Sala 02 – Cidade Universitária  
CEP 05508-900 – São Paulo – SP – Tel./Fax: (0xx11) 33818-4088  
Web: <http://www.intercom.org.br> - E-mail: [intercom@edu.usp.br](mailto:intercom@edu.usp.br)

## SUMÁRIO

Apresentação..... vii  
*Cíclia Maria Krohling Peruzzo*

Prefácio ..... xi  
*Walmir de Albuquerque Barbosa*

### PARTE I - DAS CULTURAS AO MULTICULTURALISMO

1. El Multiculturalismo y los Riesgos del Reduccionismo en  
Comunicación ..... 3  
*Raúl Fuentes Navarro*

2. Multiculturalismo, Comunicação e Interculturalidade: cená-  
rios e itinerários conceituais ..... 13  
*Denise Cogo*

3. Multiculturalidad, Diversidad Cultural y Comunicación ..... 45  
*Teresa Velázquez*

4. Multiculturalismo y la Supercultura..... 61  
*James Lull*

### PARTE II - MEIOS DE COMUNICAÇÃO, IDENTIDA- DES, INTERCULTURALIDADE E GLOBALIZAÇÃO

5. Amazônias: Sociedades Diversas e Culturas Múltiplas ..... 101  
*José Aldemir de Oliveira*

6. Mundialização da Amazônia: Processos, Contrastes e Ex-  
pressões..... 113  
*Marilene Corrêa da Silva*

Comunicação e Multiculturalismo ..... iii

7. A Comunicação Transfronteira e a Amazônia como Novo Éden do Mundo.....	153
<i>Walmir de Albuquerque Barbosa</i>	
8. A Comunicação Transfronteiras e Interculturalidade.....	161
<i>Maria Iva Barbosa</i>	
9. Multiculturalismo e Globalización: unha relación paradoxal..	183
<i>Margarita Ledo Andión</i>	
10. Desafios para os Medios en Rede: Aportacións á Interculturalidade .....	201
<i>Xosé López Garcia</i>	
PARTE III - DAS METODOLOGIAS DE ESTUDOS DE RECEPÇÃO AO CONSUMO E RE-ELABORAÇÃO CULTURAIS	
11. Dos Fluxos Comunicacionais aos Espetáculos Midiáticos: a Contribuição de Elihu Katz às Ciências da Comunicação.....	211
<i>José Marques de Melo</i>	
12. Refletindo sobre os Efeitos dos Mass Media.....	215
<i>Elihu Katz</i>	
13. A Perspectiva Teórica e Metodológica das Mediações .....	233
<i>Maria Immacolata Vassallo de Lopes</i>	
14. O Consumo de Bens Culturais nas Culturas Populares: identidade reconvertida ou diversidade refuncionalizada?.....	253
<i>Maria Salett Tauk Santos</i>	
15. MST: Atualizando a Memória de Exclusão e de Luta.....	277
<i>Christa Berger</i>	

#### PARTE IV - MULTICULTURALIDADE NA FICÇÃO TELEVISIVA

16. Os Limites da Representação: os Mitos Amazônicos na Novela Brasileira.....	295
<i>Luis R. Busato</i>	
17. Ficção Televisiva e Multiculturalidade .....	341
<i>Silvia Helena Simões Borelli</i>	
18. Aproximações à Telenovela: Os Encontros de Ressignificação.....	353
<i>Maria Aparecida Baccega</i>	
19. Uma Pré-História das Minisséries Brasileiras .....	379
<i>Narciso Julio Freire Lobo</i>	
O QUE É A INTERCOM.....	403
DIRETORIA E CONSELHOS DA INTERCOM.....	405
TÍTULOS DA "COLEÇÃO INTERCOM DE COMUNICAÇÃO" .....	407

## Capítulo 5

### Amazônias: Sociedades Diversas e Culturas Múltiplas<sup>1</sup>

JOSÉ ALDEMIR DE OLIVEIRA

Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação "Natureza e Cultura da Amazônia" da Universidade do Amazonas.

Senhoras e senhores da Comunicação, o que um geógrafo, ainda por cima um geógrafo da periferia, pode lhes dizer na abertura de um encontro de tamanha magnitude? Essa tarefa é ainda mais difícil no momento atual em que predomina o processo conceituado por muitos como o da globalização, fundado na tirania da competitividade, na confusão dos espíritos e na violência estrutural, acarretando o esfacelamento da política como meio para as ações.

O tempo em que vivemos é único. Compõe-se de vários tempos e só é rigorosamente semelhante a si mesmo: jamais o homem teve oportunidade de desenvolver tantas técnicas. Entretanto, como anteviu Euclides da Cunha no início do longo século XX, temos tudo e falta-nos tudo, porque falta-nos os desdobramentos dos acontecimentos. No final e início de século em que vivemos, há um ritmo que aniquila

---

<sup>1</sup> Conferência de abertura do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação "Comunicação e Multiculturalismo", no dia 03 de setembro de 2000, em Manaus-AM.

o tempo e os espaços colocando em xeque as verdades e as dúvidas. Chegamos a não ter certeza do que sabemos, mas também a duvidar do que não sabemos. Duvidar das certezas da ciência tem sido um passo importante para grandes descobertas, pois, como nos afiança Kafka, há um destino, mas não há um caminho que nos leve até ele. Muitas vezes o que chamamos de caminho é apenas indecisão.

No nosso agora, temas como o deste encontro, que envolve o Multiculturalismo, são asfixiados pela globalização como um processo que tendência a homogeneizar o modo de vida e se caracteriza pelas transformações de espaços nacionais em espaços econômicos internacionais que acelera a circulação voltada quase que exclusivamente para a reprodução ampliada do capital. Por outro lado, contraditoriamente, o nosso agora é assinalado pelo avanço excepcional da ciência, da técnica e da informação – a unimídia<sup>2</sup> – estabelecendo a informatização da paisagem e das relações humanas. Esse processo só foi possível graças ao desenvolvimento da técnica que possibilitou a todos os lugares, a despeito das inúmeras dificuldades socioculturais, serem atingidos por certas dimensões da globalização.

Cabe ainda destacar o papel da mídia na reconfiguração desse processo, quase sempre considerando a globalização como fábula fundada na economização da vida social e da vida pessoal. “É o mundo tal como nos fazem ver e crer”. Alavancada pela mídiamorfose<sup>3</sup> incute a idéia de que a difusão instantânea da notícia nos torna a todos mais informados. O mercado é apresentado como acessível para todos, sendo capaz de homogeneizar tudo. O Estado é

<sup>2</sup> Campo criado pela convergência da mídia digital. Nova escrita eletrônica para a comunicação do amanhã.

<sup>3</sup> Revolução da comunicação devido à potência dos computadores multimídia e às redes de comunicação.

apresentado como não tendo mais capacidade de investimentos sociais, pois está em crise. Todavia, o que se vê é o fortalecimento do Estado para atender o pagamento de juros, o repasse de empresas públicas para grupos privados, em detrimento dos cuidados com as políticas sociais, tendo como resultado, dentre outros, a violência.

A globalização determina a flexibilidade da Comunicação (rádio pirata, rádio comunitária, jornal do poste, etc.) e do sistema econômico, atingindo também o campo político. Parte das instituições políticas da democracia ocidental como partidos, sindicatos e parlamentos tendenciam ao esvaziamento, havendo a imposição de uma política comandada por empresas, configurando-se em perversão por gerar desemprego, aumento da pobreza, da fome, do desabrigo e generalização de enfermidades. Além disso, alastram-se males espirituais e morais, tais como o egoísmo, o cinismo e a corrupção.

Como resultado, configura-se a degradação da qualidade de vida e dos valores. A adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que caracterizam as ações hegemônicas presentes no processo de globalização aparece como perversidade que deixa de ser uma manifestação isolada atribuída a distorções da personalidade para se estabelecer como um sistema.

No entanto, é preciso também discutir a globalização enquanto possibilidades, considerando que a articulação que tende à sociedade global é dinâmica e contraditória. Esta dinamicidade é dada pelos lugares que contêm especificidades e peculiaridades, enquanto espaços vividos por todos, as quais muitas vezes escapam às determinações mais gerais da História, à medida que a história do lugar não é necessariamente o espelho da história de um país ou de uma sociedade. A partir desse entendimento que está a possibilidade de produção, daquilo que o geógrafo Milton Santos denomina de outra globalização.

O homem não mora no mundo, ele mora num lugar. Este lugar pode escapar às tendências a homogeneização colocadas pelo mundo globalizado, pois as forças que a criam podem também criar o seu contrário. O lugar tem um tempo e um espaço que são pouco globais e estão prenhos de significados. No lugar emerge a diferença e brota a luta que aparecem como possibilidade de produzir uma nova história, de onde podem brotar reações que nos levam para outra percepção da história e encorajam a superação da prática tradicional, abrindo lugar para a utopia e a esperança.

O lugar pode ser o começo de uma evolução positiva com reações que ocorrem com e a partir “dos de baixo”, especialmente na periferia do mundo pois, se podemos caracterizar a globalização pela predominância da técnica, da ciência e da informação instantânea, onde a tecnologia determina as formas de relação entre os homens, o lugar pode possibilitar o uso da técnica como fator da valorização do homem, dando-lhe possibilidades de realização plena e de reencontro consigo mesmo. Então a “história e os lugares seriam da nossa humanidade comum e não mais apenas dos dominantes”.

Dito isto, entro na segunda parte da minha intervenção e quero-lhes falar de um desses lugares enquanto possibilidades, a Amazônia.

No nível da informação predomina o entendimento da Amazônia como exuberante, grandiosa, folclórica, fotogênica, concebendo apenas a paisagem natural, não considerando as relações sociais, concebendo o espaço como uma instância inumana (o homem é um intruso) sem captar o essencial no acidental, quase sempre separando as pessoas de seu espaço, como se fosse possível compreender o espaço sem as relações humanas. Neste sentido, a Amazônia é veiculada como espaço fragmentado em glebas, lotes, reservas, áreas de preservação, quase sempre superpondo territórios

cujos limites não necessariamente coincidem com o espaço vivido.

Ver a territorialidade da Amazônia apenas do ponto de vista da natureza é inócuo, pois são as relações sociais que a constroem, a destroem, a inventam e a reconstróem num processo que pressupõe conflitos, contradições e lutas dos sujeitos.

Se quisermos efetivamente compreender a Amazônia teremos revelar um filme do qual aparecem retratos de pessoas identificadas no processo que fragmentou espaços, ao mesmo tempo que vem a tona o passado por meio de coisas e sentimentos que mudaram ou se refizeram em outro patamar. Ou seja, é preciso compreender e considerar o homem da Amazônia como sujeito de um processo que se de um lado dilacera o coração e fere a alma, de outro contém a possibilidade e a capacidade de embalar novos sonhos e novas ilusões sem melancolias nem saudosismos, mas com “ódio sossegado e com paciência”. Na Amazônia índios, posseiros, peões, ribeirinhos seringueiros, são sujeitos e construtores do espaço e da história, o que não significa deixar de reconhecer a sua condição de excluídos.

Apesar de tudo, há resistência e esperança. E por que há e devemos falar da esperança? Porque é desejável que nos agarremos ao tempo vivido naquilo que ele tem de positivo. Recorro a Drummond no poema *Memória*: “As coisas tangíveis/tornam-se insensíveis/ à palma da mão./ Mas as coisas findas,/ muito mais que lindas,/ essas ficarão”.

Ao mesmo tempo deixo claro que não se trata de devaneio, pois como adverte Foot Hardmam, “todos nós sabemos a barra de viver sem chão, o peso de cada minuto nesses tristes trópicos, a desolação que é ver a cidade virada pelo avesso; todos nós sentimos, um dia qualquer, a vertigem do vazio, num cenário em que já não cabem mais maravilhas mecânicas”.



Isto não é apenas uma visão, é o que caracteriza as relações impostas para Amazônia. O avanço das relações sociais de produção na Amazônia estabelece novas formas e conteúdos espaciais, impondo o novo e destruindo natureza, culturas e modos de vida. Esse processo, se não é específico para a Amazônia, tem aqui maior dimensão em decorrência da predominância da natureza e de culturas ainda não adaptadas a uma tendência de homogeneização que ocorre com o avanço do capital. Esse processo tem como base não a história ou a cultura, mas a natureza. Em decorrência, estabelecem-se mudanças significativas na espacialidade do lugar desterritorializando sujeitos que se reterritorializam a partir de novas dimensões.

É nesse sentido que existe pertinência na discussão sobre a Amazônia entendida como formação econômico-social produzida a partir da dinâmica histórica e territorial e, portanto, sujeita a idas e vindas do sistema. Os eventos que atingem a Região confundem-se com os processos de domínio da natureza, da expansão da fronteira, da implantação dos Grandes Projetos e também refletem ou dinamizam mudanças culturais, sendo tanto um território datado e situado, da mesma maneira que é uma idéia, uma fábula, uma utopia. Opõem-se, no plano internacional, o intervencionismo, a desterritorialização e, no plano local, a reterritorialização.

A desterritorialização não deixa de ser uma violência e tem ocorrido com mais agudeza, visto que no imaginário de recriação da Amazônia há o predomínio da natureza sobre a cultura. A violência se distingue, segundo Hannah Arendt, por seu caráter instrumental, pois a violência é utilizada com o propósito de revigorar o poder, até que no último estágio possa substituí-lo. Aqui não há a interiorização do Estado e, quando isso ocorre não se dá na perspectiva da mediação, mas da defesa dos interesses claramente contrários aos da sociedade local. No processo de criação de novas territorialidades na Amazônia,

o Estado fixa sua "racionalidade", explode as relações sociais preexistentes, reorganizando-as em função das novas necessidades e de novos paradigmas para isso tem no espaço um elemento privilegiado. Na Amazônia, em diferentes épocas, o Estado produz um espaço revelador de sua natureza imanente, assinalado pelo signo da violência.

A violência se configura na determinação das fronteiras que podem corroborar e mesmo criar, recriar ou redimensionar a identidade cultural, pois nem toda fronteira no sentido da apropriação coincide com a fronteira política concreta. Rogério Haesbaest denomina-a de "apropriação simbólico-cultural". Na conjuntura atual, a construção de autonomia no contexto de uma sociedade tendente à homogeneização é cada vez mais difícil, pois sendo estruturas articuladas a redes globais controlam e oprimem a vida cotidiana. A reterritorialização, neste contexto, é um processo ligado à funcionalidade do território – zoneamento econômico-ecológico – que visa influir em ações a partir do controle do território, determinado por dois fatores: a revolução das técnicas que se configura em qualidade total do território e a questão ambiental que, mais do que um princípio, significa transformar a natureza em mercadoria. Isso determina uma revalorização da Amazônia segundo um novo modelo de exploração – o desenvolvimento sustentável – no qual perpassam interesses de organizações governamentais ou não, forças armadas, grandes empresas e grupos locais.

Para tanto, estabelece-se uma "malha programada" constituída de um conjunto de programas e planos governamentais. A rapidez com que essa malha é implantada e a metodologia utilizada geram os conflitos. Estabelece-se também intervenção externa protegida pelo manto da colaboração e solidariedade internacionais.

Na Amazônia, o conquistador travestido de deus foi além da cruz e da espada. Espelhou no processo civilizatório ocidental suas idealizações de embate com a natureza e com o outro. A Amazônia da natureza, na perspectiva do colonizador, perdeu muito cedo essa condição, apesar de estar sempre reinventada no nosso agora pelo discurso ecológico e pelos ícones da técnica. No processo da conquista, as territorialidades eram estabelecidas pelo olhar vigilante da divindade, atualmente é o olhar atento da tecnicidade - vide Projeto SIVAM. São os novos parâmetros da qualidade total, da natureza como mercadoria que determinam as novas-velhas territorialidades aniquilando as preexistentes, mas não conseguindo impedir a reconstrução destas em outras dimensões.

Por outro lado, é necessário assinalar que o processo de destruição contém a possibilidade da reconstrução que ocorre a partir da resistência. Por isso, apesar de tudo, há resistência.

As territorialidades são produzidas socialmente, são produtos de uma cultura datada num determinado tempo e lugar. Concomitantemente, refletem as condições específicas do lugar e dos conflitos que não podem ser considerados exclusivamente do ponto de vista econômico pois têm dimensões culturais, políticas e ideológicas e retratam o vivido de quem as constrói.

A paisagem resultante das novas territorialidades é produto das relações sociais e, principalmente, contém vida, sentimentos e emoções que se traduzem no cotidiano. Tais relações são portadoras de profundidade e leveza, valendo a pena, por isso mesmo, compreendê-las. É possível que este cotidiano seja malditamente enfadonho ou talvez nem exista, mas quem sabe não tenha lá seus encantos. E por isso têm que ser considerados quando falamos da Amazônia.

É preciso compreender que, num lugar como a Amazônia, a singeleza não está apenas nas formas aparentes - territorialidades -

mas no estado d'alma e na condição de vida concretizada nas lendas, nos mitos, nas cantigas, nos versos, na simplicidade de celebrar a festa para exprimir solidariedade, fraternidade e dissimular perdas.

É preciso compreender a territorialidade que resulta das duras condições de vida, mas também da resistência, da força inquebrantável para a construção de uma nova vida que não é necessariamente melhor ou pior, mas é uma outra vida. É preciso entender, como sugeriu o sociólogo José de Souza Martins "porque a cultura popular se constitui num arquivo, retalho da História do povo, de canções que celebram o amor e a festa e, freqüentemente dissimulam a guerra e o luto e proclamam, no gesto da luta, da resistência, da ruptura e da desobediência sua nova condição, seu caminho sem volta, sua presença maltrapilha, mas digna na cena da História". Estas ações que se concretizam em territorialidades, quase sempre são desconsideradas, pois estão civadas de coisas simples, transmutadas numa sensação de extrema obviedade pela freqüência do estar sempre por aí e porque quase sempre a nossa preocupação é com as carências e com as perdas, concebendo e percebendo o espaço como inumano.

No caso específico da Amazônia, além da compreensão das macro-estruturas, é preciso procurar as coisas simples, a beleza e a poesia dos simples. É preciso compreender o olhar, o sorriso, todos os gestos e ações que abrem a porta para o infinito, tornando a vida mais agradável, as distâncias menores e os momentos mais intensos. Com isso, talvez compreendamos as territorialidades amazônicas que podem conter as possibilidades de uma vida melhor para todos.

Portanto, para além da biodiversidade, é preciso compreender a sociodiversidade da Amazônia. Mais que isso, não se pode partir da premissa de que o homem da Amazônia é apenas vítima. A expansão da fronteira é a reatualização da exclusão, produzindo novos e velhos pobres da terra, mas é também onde emergem novos agentes

produtores do espaço. Para essa gente, o processo de produção do espaço tem perdas e ganhos, mais perdas é verdade, mas cada um de seus construtores, com maior ou menor relevância, está presente no espaço que se produz. A realidade da Amazônia compreende lugares e homens específicos, o que não quer dizer que este lugar e este homem sejam únicos, pois fazem parte de um amplo contexto. Suas especificidades decorrem do fato de os eventos que os atingem terem dinâmicas próprias, o que dificulta, senão impossibilita estabelecer generalizações para uma área tão diferenciada como a Amazônia. O mais correto é considerarmos as Amazônia, pois elas são várias e múltiplas.

Por fim, nós das Amazônia conhecemos os atalhos, as trilhas nas quais vamos traçando nossa caminhada que é a nossa história. Muitas vezes sabemos de onde viemos, mas nem sempre para onde vamos e por instantes nos perdemos nos caminhos, na floresta, nos rios, nas estradas de terra batida, nas ruas, nos becos, nos igarapés, nas pontes, enfim, no espaço vivido do campo e da cidade, que é o espaço de nossas vidas. No entanto, vamos em frente pois o importante é se perder, porque ao nos perdermos descobrimos com mais profundidade o caminho que levam aos nossos destinos e nessa busca descobrimos armadilhas que aniquilam porque matam, mas aprimoram porque ensinam a resistir.

O espaço que vamos paulatinamente construindo é parte da vida que se vive nas Amazônia, é um caminhar sempre, é um caminho sem fim, é o caminhar da vida. Em alguns momentos, parece que se perde o sentido da vida e nestes átomos de tempo é que a diversidade de culturas nos aponta as possibilidades de junção de pedaços de coisas e de objetos e vamos avivando rastros para construir novas trilhas, novos caminhos menos tortuosos.

Para concluir, recorro novamente a um texto de José de Souza Martins: não precisamos de solidariedade, não precisamos que cho-

rem por nós, porque a Amazônia não é um funeral, a Amazônia é uma grande festa, mesmo quando estamos sepultando nossos mortos.

#### Referências Bibliográficas

- Arendt, Hannah. *Da violência*. Brasília: Editora da UnB, 1985.
- Becker, Bertha K. "Novos rumos da política regional: por um desenvolvimento sustentável da fronteira amazônica". In: *A geografia política do desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997. 421-443.
- Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- Haesbaert, Rogério. "Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão". In: *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 165-206.
- Lefebvre, Henri. *De L'État: Les contradictions de l'État moderne dialectique et de l'État*. Paris: União Générale D'éditions, 1978.
- Martins, José de Souza. *Não há terra para plantar neste verão*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- . *A chegada do estranho*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- Santos, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- Silva, Marilene Corrêa da. *Processos de globalização na Amazônia*. Manaus: Universidade do Amazonas, 1996. (digitado)
- Souza, Marcelo José Lopes de. "O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento". In: *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 77-116.



PERUZZO, Cíclia Maria K. PI  
Comunicação e multiculturali

INFORMAÇÕES:



0000000718



Centro  
Fones: (0<sup>o</sup> 92) 022-3311 / 022-7085  
CEP. 69020-031 - Manaus - AM